

O quebra-cabeça não tem gabarito: e agora?

Por Fernando Barrichelo

UMA CRIANÇA RECEBE UM QUEBRA-CABEÇA, mas sem a imagem de referência. Tudo o que ela tem são as peças soltas e a **regra básica de qualquer quebra-cabeça**: encaixar aquilo que se encaixa. Ela segue essa lógica e, peça por peça, constrói algo que parece uma imagem, mas algo está estranho. Há elementos deslocados, rostos fragmentados, cenários misturados. A imagem que surge é caótica, confusa, mas inevitavelmente montada segundo as regras do jogo.

Ela tenta reorganizar, buscando sentido estético. Mas toda vez que tenta mudar, percebe que as peças **simplesmente não se encaixam de outra forma**. Se o encaixe é o critério de acerto, então o que está diante dela está certo. Mas se o critério for o senso estético, então algo está errado.

Diante disso, surge a dúvida essencial: **o erro está na montagem ou no próprio quebra-cabeça?** Talvez o fabricante tenha cometido um erro ao imprimir e cortar as peças. Talvez tenha sido intencional, um design moderno que desafia convenções. A criança se pergunta: e se a imagem que eu esperava nunca existiu? E se o mundo não tem um gabarito definido e **cada um monta o seu próprio quebra-cabeça com o que tem?**

Essa pequena experiência toca uma questão filosófica: como distinguimos o certo do errado? Devemos seguir a **lógica do que deve ser** (encaixe das

peças) ou pelo **significado sentimental que emerge** (mesmo que nem tudo se encaixe)?

Seguimos regras sociais que nos dizem como as coisas devem se encaixar – na moral, na ética, na ciência, na arte e no sentido da existência. Mas e quando essas regras produzem algo que parece absurdo? Quando a lógica interna contradiz nosso instinto sobre como as coisas deveriam ser? **O que deve prevalecer**: a lógica ou a intuição, a razão ou o sentimento?

A verdade é que a **sociedade nos entrega um quebra-cabeça pronto**, dizendo que existe um desenho correto a ser seguido. Devemos estudar, trabalhar, casar, nos encaixar. Mas e se essas peças não formam a imagem que realmente queremos? Seguimos a lógica do que nos ensinaram

ou ouvimos o sentimento que nos diz que algo não está certo?

Mas, de repente, a resposta para tudo isso seja o seguinte: nosso erro está em querer encontrar uma única imagem, quando, na realidade, sempre existiram inúmeras possibilidades de viver. A menina conclui que **ambos estão certos: a lógica das peças e essa imagem formada**. Tá tudo certo. Assim que é.



FERNANDO BARRICHELO é executivo, mas escreve sobre pensamentos e raciocínios. Ou seja, sobre a vida e sobre todos nós.